

Formação de leitor: o despertar de um mundo novo

Reader training: the awakening of a new world

Hiolene de Jesus M. O. Champloni¹

Resumo: Neste trabalho abordam-se os mecanismos utilizados na formação do leitor, a partir de pressupostos teóricos e práticos dessa formação. Dessa forma, o livro se converte em ferramenta indispensável, juntamente com a mediação da escola, da família e da sociedade, para que esse hábito possa ser cultivado de maneira lúdica e proativa do desenvolvimento humano. Nesse sentido, defendemos que cabe aos educadores a mobilização de meios disponíveis para despertar o interesse do aluno pela leitura, como parte de sua cidadania. Assim, a literatura, a música, o cinema, a pintura e demais manifestações artísticas convergem para o campo da imaginação promovendo a capacidade humana de sonhar e realizar. Para a sustentabilidade do texto serão utilizados aportes teóricos de Ângela Kleiman e Marisa Lajolo, muito devotadas a essas questões. O tema, apesar de muito discutido, deve ser tratado como alicerce de toda e qualquer formação e que a consolidação desse hábito seja a principal meta de todos os segmentos envolvidos.

Palavras-chave: leitor; formação; literatura; educador; escola.

Abstract: This work deals with the mechanisms used in the formation of the reader, based on theoretical and practical assumptions of this formation. In this way, the book becomes an indispensable tool, together with the measurement of school, family and society, so that this habit can be cultivated in a playful and proactive way of human development. In this sense, we argue that it is up to educators to mobilize available means to arouse student's interest in reading as part of their citizenship. Thus, literature, music, cinema, painting and other artistic manifestations converge to the field of the imagination promoting the human capacity to dream and to realize. For the sustainability of the text will be used theoretical contributions of Angela Kleiman and Marisa Lajolo, very devoted to these questions. The theme, although much discussed, should be treated as the foundation of any and all formation and that the consolidation of this habit is the main goal of all the segments involved.

Keywords: reader; formation; literature; educator; school.

¹ Mestranda em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: hiolene2@hotmail.com.

Fala-se muito do papel da literatura na construção da consciência cultural do homem. Considera-se o livro uma ferramenta essencial na formação de crianças e jovens. Para tanto, a mediação do educador, da família e da escola tem papel fundamental. Crescer em contato com obras literárias, por meio de músicas, filmes, poemas e peças teatrais enriquece o imaginário infantil, desenvolve a linguagem e estimula a produção de conhecimento. É quase como garantir que uma criança que receba esses estímulos tornar-se-á um cidadão integralmente formado, em que a razão e a emoção se desenvolverão igualmente, dando-lhe confiança e equilíbrio diante das vicissitudes da vida.

Ainda sobre a leitura, podemos afirmar que é o meio mais eficiente de enriquecimento e desenvolvimento do caráter humano, acionando, assim, as suas potencialidades. Portanto, cabe aos educadores mobilizar todos os meios disponíveis para despertar e manter o encanto da criança pelo livro, pois alimentar a fantasia infantil, longe de ser prejudicial, desenvolve a sua capacidade de sonhar, criar e pensar. Adentrar no mundo encantado da imaginação proporcionará a convivência com seu próprio mundo interior, onde residem seus medos, anseios e desejos. A fantasia atua no inconsciente ajudando a criança a resolver seus conflitos e o conseqüente amadurecimento emocional.

Neste artigo, defendo a ideia de que a literatura seja impressa, seja digital, em prosa ou em verso, torna a aprendizagem prazerosa e eficaz. A literatura, como arte, contém uma riqueza de elementos implícitos e explícitos que fertilizam e ampliam o campo do saber humano, e, em especial, da criança. Dentre esses elementos destacam-se as emoções, a beleza, o encanto, o prazer e o despertar da curiosidade, uma vez que o livro se converte em um objeto mágico recheado de elementos poéticos, recursos estilísticos que promovem a beleza dos textos, além das descobertas e do vocabulário novo. Para atrair o interesse do público infantil, o livro deve ser especialmente bonito em sua edição, cuidadosamente ilustrado e, sobretudo, possuir uma linguagem clara, para converter-se em objeto de desejo e segredo a ser descoberto. Ler será sempre

uma aventura livre e capaz de transportar o leitor a universos inimagináveis. A leitura não deveria ser alvo de cobrança, mas se necessário for, deve ser feita de maneira sutil, a fim de que o leitor em formação não desenvolva algum tipo de rejeição pela atividade de ler. Diante dessas questões podemos inferir que o livro certo, no momento certo, para a idade certa, promove a formação do hábito de leitura.

A literatura, pela capacidade de adentrar universos diversificados, evita que o homem desenvolva uma mentalidade limitada e possibilita a formação de uma mente aberta e capaz de torná-lo livre de preconceitos e comportamentos inadequados. A liberdade e o prazer caracterizam o ato recreativo, e qualquer tarefa de natureza física ou mental encarada dessa forma se constituirá em algo prazeroso e produtivo. Desse modo, a literatura é a mais saudável das diversões. Para a criança, o ato de ler, cantar ou dançar pode ser uma forma de inclusão no universo da literatura, que mais adiante se tornará uma ferramenta essencial na formação desse indivíduo, sujeito de suas ações.

De acordo com os pressupostos até aqui abordados, pode-se concluir que a formação do hábito da leitura se torna uma tarefa muito produtiva, quanto mais cedo ela for inserida da vida da criança. Entretanto, não se pode negligenciar os obstáculos, assim como os mais variados mecanismos de dispersão que dificultam e impedem a implementação desse processo. Cito, por exemplo, o desinteresse pela falta de informação dos familiares, as dificuldades de professores para contornar e vencer esses obstáculos, o custo alto dos livros e a escassez de bibliotecas. Culminando com tudo isso, temos o domínio da cultura de massa por meio da televisão e, mais recentemente, a luta perdida para os “smartphones” e “tablets” que, daqui por diante deverão ser encarados como aliados do conhecimento e não mais como aparelhos proibidos em sala de aula. É válido ressaltar que selecionar livros e materiais que despertem o interesse de crianças e jovens não é tarefa fácil e cabe ao educador priorizar o foco de interesse desse público, levando em conta o contexto social, histórico e cultural de cada período.

Por diversos motivos elegi a formação leitora como tema, apesar de ser uma questão bastante debatida, por tratar-se de um alicerce na formação dos

indivíduos. Para o embasamento teórico deste trabalho, foram convocadas as teóricas da educação Ângela Kleiman e Marisa Lajolo, dentre os devotados a essa questão, em que as considerações de Paulo Freire estarão sempre postas em relevo. Para Kleiman, em *Texto & Leitor* (2002), a questão essencial para o ensino é a forma de ensinar, ou seja, como fazer para que a criança compreenda o texto escrito. Uma criança, ao ser trabalhada pelos métodos tradicionais de leitura, pode tornar-se limitada em seu processo de construção do conhecimento. Nesse contexto, o papel do professor é o de criar oportunidades que promovam o desenvolvimento de processos cognitivos, que poderão sempre ser melhorados, na medida em que os mecanismos desse processo se tornem familiarizados ao ambiente de aprendizagem.

A proposta de Kleiman (2002) é tratar da compreensão de textos escritos, cujo objetivo maior é descrever vários aspectos da leitura e mediante isso, revelar a complexidade da compreensão leitora e a multiplicidade dos processos cognitivos que constituem esse processo, em que o indivíduo se debruça sobre um texto para extrair dele o sentido que mais se aproxime de sua leitura de mundo. Para Kleiman,

O texto enfatiza os aspectos cognitivos da leitura, porque consideramos que a percepção de, bem como a reflexão sobre o conjunto complexo de componentes mentais da compreensão contribuirão, em primeira instância, à formação do leitor e, conseqüentemente, ao enriquecimento de outros aspectos, humanísticos e criativos, do ato de ler. (KLEIMAN, 2002, p.9)

Em outras palavras, Kleiman pressupõe que a compreensão de textos envolve diferentes processos de aprendizagem em que recursos e estratégias mentais são utilizados como ferramentas do ato de compreender. Tal compreensão pode parecer difícil, haja vista a complexidade do objeto a ser compreendido. O texto escrito envolve pré-requisitos tais como o conhecimento gramatical, as intenções e objetivos do autor e outras estratégias próprias da natureza da compreensão, que vai desde as coisas simples às extraordinárias. Um dos elementos mais eficazes na compreensão de textos é o conhecimento prévio do leitor e a sua cosmovisão, que interagem entre si para promover os sentidos que se pode dar ao texto. Por conhecimento prévio entende-se o

conhecimento das regras da língua e do vocabulário até chegar-se à competência da utilização correta da língua.

Nesse sentido, a autora apresenta o texto como uma unidade semântica, onde vários elementos de significação são materializados, por meio de categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais. Entretanto, uma reflexão em torno da compreensão textual não pode deixar de contemplar os elementos extralinguísticos que envolvem esse processo. Dito de outra forma, são outros conhecimentos que fazem parte desse conjunto intitulado de conhecimento prévio e se constituem em essenciais para toda e qualquer compreensão. Como parte do extralinguístico, tomemos o conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico que tanto pode ser adquirido de maneira formal quanto informal. Tal conhecimento pode abranger desde o conhecimento que uma pessoa tenha sobre a sua especificidade até os conhecimentos de senso comum, como a maneira correta de se preservar os legumes frescos, a localização de determinado país em seu continente ou o comportamento adequado diante de determinadas situações. É sabido, porém, que essa parte do conhecimento de cada indivíduo tem que estar ativada, ou seja, em nível ciente no momento da leitura, a fim de que essa interação aconteça e a compreensão se estabeleça de modo profícuo.

A esse respeito, Kleiman (2022, p.22), traça um panorama envolvendo diferentes aspectos em que a compreensão leitora ocorre. Para a autora, o tipo de conhecimento que temos sobre o que está envolvido em nossa ida ao hospital, ao cartório ou ao restaurante é estruturado e parcial. Ainda de acordo com ela, esse conhecimento propicia “grande economia e seletividade”, porque no ato de falar ou escrever, é possível deixar implícito o que é próprio da situação enfatizando apenas o fora do comum a essa mesma situação. Desse modo, o interlocutor que o ouve ou o lê é capaz de preencher aqueles espaços vazios, ou melhor, aquilo que está implícito de maneira correta. Ao conhecimento parcial e estruturado que temos na memória sobre eventos típicos de nossa cultura, Kleiman denomina de esquema, que vem a ser aquilo que determina, na maioria das vezes, a nossa expectativa sobre a ordem natural das coisas.

Colocado dessa forma, o esquema também nos permite “grande economia e seletividade” tanto na comunicação quanto na decodificação de nossas experiências. O esquema nos permite transformar linguisticamente uma série de impressões e experiências próprias, por meio de categorias lexicais mais abrangentes e, ainda assim, teremos a certeza de que seremos compreendidos naquele contexto. Ângela Kleiman exemplifica com um evento muito comum em nosso cotidiano que é o fato de chegarmos atrasados em nossos compromissos, por retenção de trânsito causado por acidente, o qual não é necessário um discurso muito elaborado para que nos façamos entender. Mais uma vez, a ativação do conhecimento prévio é fator essencial para que o interlocutor ou o leitor faça as inferências necessárias à compreensão do texto ou da narrativa de maneira coerente.

Em síntese, o que a autora preconiza é a importância do conhecimento prévio do leitor para a compreensão de textos e, sobretudo, a ativação destes conhecimentos em momentos oportunos. Para tanto, demonstra com exemplo prático que o conhecimento adquirido propicia ao leitor as inferências que preenchem os espaços subliminares dos textos.

Marisa Lajolo, em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (2001), discute o ensino de literatura para jovens sem negligenciar o fato de serem mais suscetíveis aos fatores externos de dispersão, como o mundo virtual, em que as redes sociais consomem grande parte do tempo e do cotidiano da pós-modernidade. Lajolo define o papel do professor como o de responsável por mediar e tentar solucionar os impasses que se criam, a fim de que a leitura não seja relegada a níveis de obrigatoriedade e de fragmentação de textos para análises. Nesse sentido, a literatura deixa de cumprir com o seu papel de atividade lúdica capaz de promover a viagem que se espera fazer ao sermos transportados para o universo do livro. Entretanto, o que o professor dispõe em sala de aula, adverte Lajolo,

É um *script* de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado: leitura jogralizada, testes de múltipla escolha, perguntas abertas ou semiabertas, reescritura de textos, resumos comentados são alguns dos números mais atuais do espetáculo que, ao longo do território nacional, mestres, menos ou mais treinados, estrelam para plateias às vezes desatentas, às vezes rebeldes, quase

sempre desinteressadas, sobrando a seção de queixas e reclamações para congressos, seminários, cursos de atualização e congêneres, ou então pesquisas como a que aqui está sendo comentada. (LAJOLO, 2001, p. 15)

Refletindo acerca de suas próprias palavras, a autora especula a questão de que talvez a escola não tenha refletido o bastante sobre as modernas práticas pedagógicas para o ensino de literatura. Dentre elas destacamos a motivação, uma vez que é em nome desta que a obra literária pode ser desfigurada em sala de aula. Atos periféricos à prática da leitura tais como palavras cruzadas, dramatização de textos além de outros propostos pelos manuais escolares, desvirtuam completamente a necessidade do silêncio e do isolamento que o contato individual com a obra literária requer. Ainda conforme Lajolo, o texto literário em sala de aula, é submetido a técnicas de análises propostas pela teoria literária de cunho universitário. Nesse ambiente, a teoria literária pode preservar uma semântica geral do texto. Entretanto, ao se aplicar essas teorias no contexto didático, o sentido primordial do texto torna-se tão rarefeito que chega a ficar irreconhecível.

Uma questão bastante discutível é a de que o professor não deve corrigir os erros de fala e de escrita do aluno nas séries iniciais, a fim de que este não seja tolhido em sua capacidade de comunicação, suprimindo-se a nota para as redações como uma das principais reivindicações. Questão esta defendida pelos linguistas, mas que ao final das contas se torna prejudicial para esse jovem, quando nas séries mais adiantadas a forma culta da língua lhe for cobrada, principalmente no ato de escrever. Conforme a autora, não se está advogando em causa do retorno das listas dos verbos irregulares e de temas de redação subjetivos e desconectados com a realidade presente, mas que uma devida reflexão terá que ser feita em torno da rapidez com que se propôs o ensino da Língua Portuguesa. Por esse percurso, Lajolo propõe que, em “tempos menos eufóricos e mais amadurecidos”, após a colheita dos primeiros resultados, os equívocos sejam sanados para que novos rumos sejam destinados à qualificação da educação no Brasil.

Ainda segundo Lajolo, o desencontro literatura *versus* jovens, que ocorre em sala de aula, pode ser o reflexo de um desencontro maior vivido pelos

professores. Para a solução desse impasse a autora propõe que a historicidade do texto literário não seja dissociada da prática da leitura desses textos para que o aluno possa contextualizar a narrativa com o tempo em que foi escrito, ou com o posicionamento crítico e político do autor que o escreveu. Certamente que ações dessa natureza evitariam situações incômodas para o professor, diante de alunos bocejantes mediante sua explicação sobre o realismo fantástico presente em *Incidente em Antares* ou a metalinguagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

O incômodo e o mal estar em sala de aula refletem todos os impasses e todas as situações mal resolvidas entre as partes. De um lado, o professor em seu papel de formador, mediador, incentivador e do outro lado, o aluno, muitas vezes investido de nada. Somente com a superação desses obstáculos é que as aulas poderão cumprir seu papel de representação de um espaço de liberdade e subversão, que em certas condições é produzido pelo texto literário. Em seguida, Lajolo discute sobre a importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor de língua materna. Para esta questão, a educadora reflexiona que a inclusão da literatura infanto-juvenil talvez seja apenas a representação contemporânea de uma crise maior e muito antiga: a de não se ter noção de qual seja a formação necessária ao professor de língua materna, porque também não se sabe qual a função da escola no que se refere à competência linguística que o aluno deve dominar ao sair dela.

Nesse sentido, está posta a questão: a literatura infanto-juvenil é um gênero descartável para um leitor em trânsito? Nessa mesma trilha outras discussões vêm à baila, tais como: o papel do leitor, do livro didático, da poesia até chegar às leituras do mundo, nas quais Lajolo evoca Machado de Assis, Monteiro Lobato, Miguel de Cervantes como legítimos representantes de uma cosmovisão de sociedades em que a literatura, por meio de caminhos e descaminhos, retrata os seus anseios e as suas possibilidades.

Finalizando estas breves considerações acerca da literatura como uma ferramenta indispensável no processo de formação de leitor, não poderia deixar de mencionar Paulo Freire, como um grande mentor e articulador das mais

variadas ações e estratégias, no sentido de implantar e fomentar a formação do indivíduo em ambiente escolar. Em diversos momentos de sua prática pedagógica, o educador fez questão de reafirmar a sua concepção de leitura com a seguinte sentença: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da leitura daquele”. (FREIRE, 2011, p.20)

Com estas palavras, o educador corrobora com os pressupostos de Ângela Kleiman e Marisa Lajolo no que concerne ao conhecimento prévio que cada indivíduo traz consigo ao adentrar a escola. Seja criança, jovem ou adulto, cada um com a sua bagagem e as suas experiências, não podem ser tratados como meros repositórios de conhecimentos. Uma das críticas agudas de Paulo Freire diz respeito às bibliografias extensas as quais muitas vezes o aluno é submetido, em nome de um saber científico. Para ele, o que importa é a leitura feita de maneira tranquila, em que o interesse e a curiosidade sejam aguçados no sentido do aluno se tornar um leitor crítico, e que possa avaliar a qualidade e a importância do objeto de leitura, o livro, que detém em suas mãos.

Finalmente, o ato de ler se constitui *a priori* na leitura de mundo, do mundo ao qual cada um se encontra inserido. A começar pela infância e na descoberta das primeiras coisas que mais tarde se transformarão em palavras. Essas mesmas palavras que, na alfabetização, o educando vai encontrar na figura do professor os estímulos ou não, para que venha a se tornar um leitor, um apreciador de boas obras, um trampolim para o seu desenvolvimento como um todo. Entretanto, este não é um processo simples e muitas políticas ainda precisam ser discutidas, mesmo agora no século XXI, em que pese toda a tecnologia de massa que, de certo modo, tem promovido as mais diversas inclusões bastando para isso que a criança, o jovem e até mesmo os adultos sejam bem direcionados, ou tutorados por mecanismos e agentes qualificados e ciosos de seus papéis na condução desses processos.

Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor: Aspectos cognitivos da leitura.** Campinas, SP: Pontes, 2002.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fuentes, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global Editora, 1984.